



O APLICATIVO PATRIMÔNIOS DE SÃO SEPÉ: FERRAMENTAS DIGITAIS A SERVIÇO DO ENSINO DE HISTÓRIA

Felipe Rios Pereira¹

Doutorando do PPGH-UFSM

O presente trabalho visa apresentar o processo de criação, produção e disponibilização do aplicativo de celular Patrimônios de São Sepé, lançado em dezembro de 2022 e acessível para android via playstore². O material foi resultado de uma das ações de meu processo de pesquisa e de aplicações em escolas durante o Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A proposta geral foi a de criação de uma série de produtos (livro, oficina, espetáculo, jogos, dentre outros) que aproximem a História Local de estudantes e demais membros da comunidade da cidade de São Sepé (RS), tendo como instrumentos conceitos envolvendo a História Pública, bem como o Ensino de História.

Em especial, no texto, será abordado o processo de pesquisa, produção e criação do aplicativo em questão, considerando as reflexões e ações feitas para tal, além das implicações e discussões metodológicas para um trabalho que considere o desenvolvimento de ações em História Local dentro do espaço escolar. Um dos centros de discussão é o debate da ausência de materiais didáticos qualificados disponíveis a professores de História para o trabalho de temas locais e regionais. Considera-se que, assim, há prejuízos no planejamento pedagógico, uma vez que faltam materiais inclusive para pesquisa e preparação dos professores, e, por consequência, no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Nesse sentido, o artigo busca trazer a necessidade de pensar um processo metodológico de produção de materiais didáticos em nível local, que fujam da lógica generalista e possam partir do universo do estudante para que haja a criação de uma consciência Histórica. Dentro dessa perspectiva, serão demonstrados os desafios e dificuldades envolvidos no processo de produção de uma ferramenta didática com tal

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Professor da Rede Pública do Estado do Rio Grande do Sul e da cidade de Santa Maria. Endereço eletrônico para contato: felipehistoriaufsm@gmail.com

² Loja em que são disponibilizados downloads de aplicativos para *smarthphones*.



foco, além de elaborar como é necessário o alinhamento com novas tecnologias digitais, para conexão com os estudantes e o universo de ferramentas e informação do século XXI. Temos consonância com a ideia de que:

Percebe-se que o sujeito que é realmente o foco da aprendizagem quando se aprende história, somente aprende quando ele desenvolve, por meio da narrativa histórica, um sentido para a experiência histórica, de tal forma, que ele possa orientar a sua existência no fluxo tempo. Então, claramente percebemos que o sujeito que aprende não é apenas receptivo, mas, sim e também, sempre construtor do seu conhecimento. O ensino de História deve tematizar a teoria da história para explicar a linha constitutiva da narração na consciência histórica, como uma aprendizagem construtiva e relacionada às ações de situações específicas da aprendizagem na área da educação, socialização e formação. (RUSEN, 2012. P 50.)

Portanto, queremos afirmar a necessidade, com ações, tal qual a relatada neste texto, de buscar elementos que deem sentido ao indivíduo, através de seu universo de relações próximas. É assim, apostando em um protagonismo do indivíduo e, em meios didáticos para tal, que elaboramos o aplicativo “Patrimônios de São Sepé”.

Que história (local) queremos:

O que deve ser ensinado em uma aula de História? Essa é uma questão que atravessa a todo educador que se depara com uma sala de aula e tem um compromisso com a produção de uma consciência histórica em seus estudantes para além de meramente seguir programas de conteúdos de forma automática e acrítica. Obviamente, não me proponho neste artigo a dar uma resposta definitiva a um assunto tão complexo. Pelo contrário, quero, trazendo essa pergunta, aumentar a quantidade de dúvidas e inquietações acerca do que ensinar em sala de aula. Trago esta questão pois, estar confortável, frente a severos ataques sofridos nos últimos anos pela educação, em especial o ensino de História, demonstra um descolamento frente à realidade.

Foi, nessa perspectiva, que o 23º Simpósio Nacional de História da ANPUH³, teve, dentre as suas principais discussões, debates acerca dos severos ataques sofridos pela categoria dos professores e em sua autonomia profissional seja na implementação

³ Associação Nacional dos Professores de História.



do “Novo Ensino Médio”, seja pelas Base Nacionais Curriculares Comuns (BNCCs) do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Tanto nas palestras que abordavam os temas de Ensino de História, como nos Simpósios Temáticos nos quais historiadores apresentavam resultados de suas pesquisas, houve pesadas críticas a tais processos, além de análises científicas acerca dos efeitos de tais reformas, revelando dados preocupantes. De certo modo, muito longe de serem meios de avançar para os novos tempos, mais parecem um retorno a um passado com ilusório protagonismo do professor, tal qual nas correntes que Savianni (1999) denominou como tradicional ou tecnicistas. Nestas, o professor, apesar de ter o posto de autoridade, mantém um viés de reprodutor pouco crítico dos temas que trabalha com seus estudantes.

É nessa linha que este trabalho se contrapõe a uma perspectiva que uniformize os conteúdos e assuntos tratados na aula de História em nível nacional. Reconheço as potencialidades pensadas por tal tentativa, no sentido de tentar amparar com um nível básico os estudantes. No entanto, ao delimitar elementos iguais a um aluno que vive na Amazônia, no nordeste ou no Rio Grande do Sul acaba por ser inevitável apagar especificidades e demandas de cada localidade. A crítica a esse elemento vem por irmos ao encontro da perspectiva de Paulo Freire (1996) pela qual o autor afirma que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. [...] Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996. p.17)

Indo ao encontro da ideia do autor, o nosso trabalho prima por colocar o estudante no centro do processo de ensino e aprendizagem. Apenas trazer conhecimentos externos, sem conectar a realidade do estudante a eles, mostrou-se já um meio ultrapassado, além de menos eficiente no desenvolvimento de habilidades. Ao trazer uma história nacional ou mundial que trate de forma descontextualizada o meio



no qual vive o aluno, estamos também sonhando a ele seu papel de sujeito, na medida em que, mesmo de forma indireta, dizemos que o seu passado e de sua comunidade está aquém da importância da disciplina de História.

Ao não considerarmos os saberes, as experiências pessoais e comunitárias, além das narrativas que constroem a cidade do estudante, estamos fracassando na própria concepção de História em sala de aula. Um currículo que faz o estudante entender a escravidão, mas não vê-la no território de sua cidade é capaz de contribuir na criação de uma consciência histórica? Um currículo que fala da importância dos povos indígenas, mas é incapaz de situar estes povos no passado do território da comunidade está contribuindo para esta missão? Por nossa crença, compartilhada com Freire a respeito do sentido do conhecimento e da Educação, afirmamos que não. Corroborando com essa visão, trazemos que:

A construção de uma História Local na sala de aula também guarda grande valor quando permite ao aluno despertar um senso crítico quanto a aspectos relevantes da vida na sua comunidade. Quando o professor de história apenas repassa o roteiro linear de ensino dos fatos históricos, o estudante não estabelece relações com seu cotidiano, o que propicia um indivíduo opaco aos problemas de seu bairro e de sua cidade. Daí também a necessidade de debates em torno de temas locais, os quais possam fazer do discente um agente transformador de sua realidade, e não apenas um figurante do processo histórico. (COSTA NETO, 2017. P. 13)

Logo, é a este papel que afirmamos a importância quando trazemos a História Local. Não queremos, com ela, reduzir a comunidade e seu passado a um grau de curiosidade ou de uma História isolada e peculiar. Ela posiciona-se não como um meio de a comunidade fugir de discussões nacionais do campo de História, mas pelo contrário, de inclusive melhor compreendê-las, na medida em que o estudante passa a perceber que seus antepassados interagiram, reagiram, e foram envolvidos pelas repercussões de episódios que estudam. Construir o que Neves (1997) chamou de identidade social a partir de uma compreensão da História do seu Local para que possa, com isso, tornar-se um sujeito transformador e modificador de sua realidade.

Nessa linha, retomamos também as ideias de Barros (2017) que afirma acerca do paradigma da História Local no presente:



O “lugar”, na História Local, não se relaciona apenas à dimensão local dentro da qual se produz o trabalho do próprio historiador; aqui, o “local” é trazido para uma posição importante no palco da análise historiográfica. Nada impede que esta mesma “história local” – esta história cujo historiador considerou importante chamar de “local” em virtude da centralidade que o “lugar” ocupa na sua análise historiográfica – seja também ela uma História Cultural, uma História Política ou uma História Econômica, ou inúmeras outras modalidades. (BARROS, 2017. p. 5)

Queremos, assim como o autor, afirmar que trazer a dimensão próxima do passado ao estudante não é fugir da complexidade de temas e novos espaços de pesquisa que se apresentam em debates historiográficos. Pelo contrário, é um meio de trazê-los. Apesar do “local” ser a âncora que guia este trabalho, não nos furtamos de abordar discussões presentes e que amparam muitos dos debates contemporâneos. Foi isso que nos guiou, por exemplo, a realizar novos olhares sobre diferentes assuntos locais, desde a releitura de assuntos já estabelecidos na comunidade, como a origem, até a inserção de novos grupos e olhares, como em perspectivas de gênero e raça.

Para finalizar, é importante demarcar que vamos ao encontro do defendido por Erinaldo Cavalcanti:

Em que dimensões poderíamos nomeá-la de história local, haja vista que sua configuração é resultante de diferentes forças, atores e empresas ligadas ao mercado internacional da mineração? Nesse sentido, onde estabelecer as demarcações? Como e até onde instituir os limites e as fronteiras, mesmo sendo estas móveis e elásticas? Há como precisar onde termina a história local e começa a história “não local” ou história global? Até que ponto e como o local e o global se articulam e se interconectam? (CAVALCANTI, 2018. P. 274).

Ou seja, queremos afirmar com isso que pensar a História de São Sepé, ou de qualquer pequeno município é, também, desafiar as marcações do que se refere a uma dicotomia de local e nacional. Queremos reafirmar a visão de Moreira e Silva (2002) a qual demonstra que o currículo, bem como o que será ensinado, são um campo de disputa em aberto. Enfrentar situações e buscar meios para superar limitações foram os guias de nossas ações.

O desafio da criação de uma ferramenta digital em História pública:



O trabalho de produção de um aplicativo é complexo, fugindo dos limites de uma atuação individual. Sua produção envolve, além da pesquisa em História e atuação didática, de trabalho técnico de outros profissionais que viabilizem a estrutura de uma ferramenta digital. Assim, um dos primeiros passos foi de somar membros a uma equipe de trabalho, os quais tivessem uma sensibilidade e proatividade para criação do aplicativo “Patrimônios de São Sepé”. Pensando assim, se buscou um programador, Maicon Anschau, que viabilizou o app em linguagem de código e de tecnologia de informação e, além dele, Julia do Carmo da Silva, jornalista, que se somou ao processo de produção, pensando uma tecnologia de alcance midiático e auxiliando na produção e revisão de textos. Por fim, vale dizer que, participaram com contribuições de desenho Claiton Silveira e Vitória Aires, que criaram algumas artes com a finalidade de ilustrar sessões da ferramenta digital, além do próprio logo do projeto.⁴

Vale ressaltar, no entanto, a importância da atuação do historiador e professor de História como coordenador das ações. Compreendendo seus limites técnicos, mas também entendendo que é um material voltado para o Ensino de História e que considera pesquisas em História. Logo, aquele profissional que compreende a importância do que deve estar contido e do que pode, porventura, ser suprimido, é justamente o historiador. Essa é uma potencialidade importante de um trabalho feito de forma independente, como é o caso, e não vinculado diretamente ao mercado, uma vez que a preocupação dos processos envolvendo a produção de tal material não é o lucro, mas o conteúdo e a qualidade historiográfica.

Vale dizer que, construir História Local em municípios afastados de centros de pesquisa como universidades costuma ser uma tarefa com peculiaridades. As pesquisas acadêmicas já constituídas são escassas. Ao elaborar um levantamento de materiais pouco se encontra, sendo a maioria dos textos antigos, com lacunas e elementos ultrapassados metodologicamente. Em grande parte, tais materiais são produzidos por memorialistas com uma visão bastante ufanista do que passou. Logo, a História Municipal construída é, em via de regra, elitista, focada em “grandes personalidades” as

⁴ A título de exemplo, o logo, em formato de lua dourada em fundo verde virou uma marca do projeto. Ele, ao mesmo tempo que demarca esteticamente o app, também tem conteúdo histórico, já que é uma referência a cicatriz que Sepé Tiaraju carregava em sua testa, a qual virou lendária no poema de Simões Lopes Neto: O Lunar de Sepé.



quais são homens, brancos e ricos. Quase sempre focada em políticos e militares, como é inclusive o caso de São Sepé.

Ressalta-se, também, a baixa produção acadêmica de materiais em História Pública, as quais possam se comunicar e trazer novas pesquisas às localidades e que poderiam ser aliadas neste processo. É o que apontou Malerba (2014) ao estabelecer uma crítica à postura da academia frente à divulgação do conhecimento Histórico, demonstrando serem insuficientes os esforços nessa linha. Algo que também é corroborado por Rovai (2020), que deixa transparecer como o meio acadêmico vê iniciativas deste caráter como menos importantes. Somado a isso, e algo que quero demonstrar com a pesquisa, é de que produzir em História Pública dependerá muito do meio e terá desafios muito particulares dependendo do espaço.

Em pequenos municípios, como é este caso, não é apenas o de construir uma “tradução” dos avanços da Historiografia, como muitas vezes fazem os produtores de conteúdo que ganham fama em espaços digitais. Elaborar tais materiais cobra, por parte do Historiador, uma pesquisa primária e busca por fontes. Diferente da pesquisa histórica comum, foi necessário estabelecer um grande recorte temporal, de cerca de 270 anos ao menos - com a primeira referência de povoamento da região - e com uma menor profundidade, uma vez que o alvo são pessoas que estão iniciando sua compreensão da História.

É nessa linha que o Patrimônios de São Sepé se insere, pretendendo-se como um material didático, adaptado às novas realidade e situações da Educação. Busco mostrar aqui o desafio de criação de um conteúdo digital, com as dificuldades de adaptar-se a essa outra linguagem. Há uma necessidade de pensar lógicas específicas, concebendo um aplicativo que seja capaz não de apenas de satisfazer os interesses de qualidade da pesquisa em História, mas que seja efetivo em comunicação e diálogo com o público alvo, tal qual o princípio de fazer uma História Pública que atenda ao público e não para o público. Para tanto, explora-se ainda ferramentas interativas desenhadas para o aplicativo, como o uso de QR codes, quests e formatos de texto, imagens e áudios que vão ao encontro dos sepeenses.

O aplicativo:



Em um primeiro momento destaca-se que o aplicativo é gratuito, acessível a qualquer indivíduo que possua um celular com sistema operacional Android e que tenha acesso à internet. Vale dizer que, apesar de uma parcela significativa da população utilizar o sistema IOS, da empresa Apple, não foi possível, por questões técnicas, disponibilizar para tais usuários. No entanto, considera-se que o alcance da ferramenta constituiu-se como satisfatório, uma vez que a maior parte dos usuários brasileiros utilizam o sistema operacional Android, em especial aqueles que não fazem parte da elite econômica. Constatamos essa informação através da análise de um estudo encomendado pelo Google para a consultoria Bain/Company (2020). Nele, aponta-se que nove de cada dez usuários brasileiros utilizam modelos de telefone celular com sistema Android. Dentre os motivos apontados está, principalmente, o preço mais acessível, sendo assim mais procurado pela população, o que provavelmente se reflete na localidade.

O fato do aplicativo ser gratuito foi perseguido no sentido de transpor obstáculos que pudessem impedir o acesso da população. A ideia é de que houvesse uma possibilidade de chegar efetivamente às pessoas e, considerando que estudantes mais pobres não teriam condições de pagar e, talvez, mesmo quem tenha condições não tivesse esse interesse imediato de compra, o app não poderia ter um obstáculo econômico. Como trata-se de uma ferramenta mais complexa, foi um desafio, na medida em que ter um produto final destes em mãos gera despesas, em custos técnicos e de produção.

Foi, pensando nessa lógica, que o projeto buscou financiamento via iniciativa privada, disputando edital de fomento a projetos educacionais. Em 2022 a Fundação Antonio Meneghetti (FAM)⁵, que atua na zona central do Rio Grande do Sul, lançou um certame para apoio financeiro de projetos de escolas e entidades que promovam cultura. A ação, então inscrita, foi aprovada, o que propiciou o amparo econômico de diversas das atividades.

No que diz respeito à organização, o “Patrimônios de São Sepé” está estruturado em seções. O ambiente virtual de entrada apresentado está disposto em uma ordem pela

⁵ Um destaque do projeto do aplicativo é de que, dentre os 55 projetos aprovados pela FAM, o Patrimônios de São Sepé recebeu um prêmio como um dos 3 projetos destaques do ano de 2022.



qual se pode percorrer e escolher a temática mais específica. Cada uma delas reúne assuntos ou ferramentas que possam ser de maior interesse do usuário. Podemos ver, abaixo, o formato:

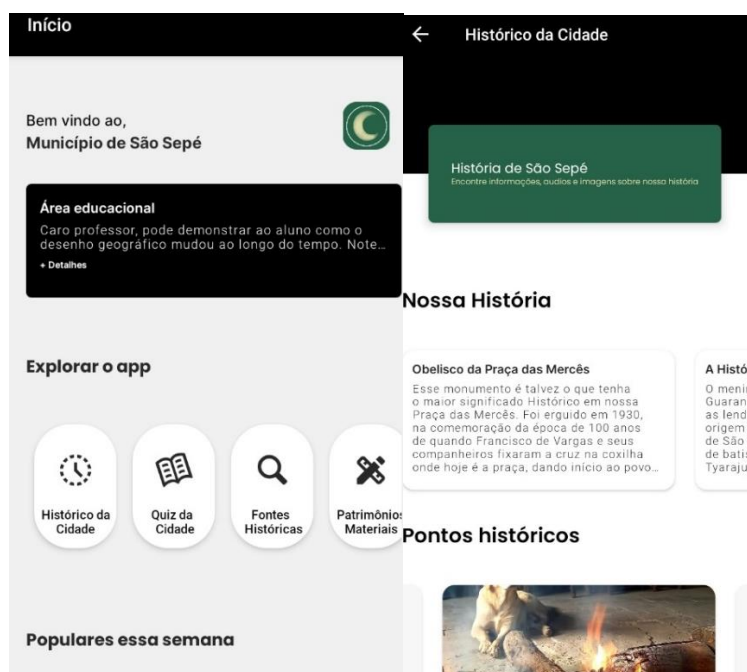


Imagem 2: Printscreens retirados do aplicativo. Retirado pelo autor em 01/03/2023

Na imagem esquerda, podemos observar a aba inicial do aplicativo. Neste menu “explorar o app” estão disponíveis 10 seções. Em cada uma delas há um segundo nível, com novas opções de escolha do que se deseja aprofundar. Por exemplo, na seção “Histórico da Cidade”, a primeira, ao abrir depara-se com um segundo menu, como demonstrado no printscreen acima do lado direito. Novamente, é possível “deslizar” um menu e escolher agora descrições aprofundadas em “posts” dentro do tema História de São Sepé, tal como o significado histórico do obelisco da Praça das Mercês, a história de origem do município, origem de Sepé Tiaraju, dentre outros.

Abaixo demarcarei cada uma das sessões e o seu devido conteúdo conforme disponibilizado no aplicativo:

- **Histórico da cidade:** nesta área temos a disponibilização de variados assuntos do passado local. Desde as guerras guaraníticas no século XVIII, passando pelas doações de sesmaria e primeiras povoações, até a origem da Vila no século XIX, até acontecimentos mais recentes no século XX.



- **Quiz da cidade:** tal espaço se propõe a uma perspectiva de gamificação do conteúdo. Temos alguns pequenos jogos de perguntas e respostas analisando diferentes aspectos e temas. Eles possuem 10 perguntas cada uma com 4 alternativas. Por exemplo, temos um “quiz” sobre Sepé Tiaraju e um sobre os Patrimônios da cidade. Quando se acerta mais de 50% das respostas, há uma mensagem positiva. Quando abaixo desse número, pede-se para que o usuário tente novamente. Os jogos são uma estratégia para, além de entreter, engajar o estudante, tornando o conteúdo atrativo e acessível. Além disso, é um modo de fixar aprendizados.
- **Fontes Históricas:** Um dos principais paradigmas atuais da Educação Histórica é o de demonstrar ao aluno como analisar uma fonte. Demonstrar que o conhecimento acumulado por séculos a respeito do passado é fruto de um processo de síntese e reflexões de profissionais que se dedicam em produzir conhecimento qualificado. Logo, a ideia é demonstrar que o conhecimento não é simplesmente inventado, mas parte de uma comprovação em evidências. Assim, aglomeraram-se algumas fontes históricas acerca do passado sepeense que pudessem ter uma análise mais acessível, como fotografias, cartas, trechos de processo, bilhetes, entre outros, que foram disponibilizadas junto a breves análises. O propósito desta aba, também, é de que sirva como suporte aos professores em suas aulas, como um instrumento para trabalhos e até avaliações com seus estudantes.
- **Patrimônios Materiais:** Neste sítio, há um maior foco sobre educação patrimonial. Assim, há exposições sobre edifícios e monumentos que têm relevância identitária para a comunidade a fim de explicar seus significados ou fornecer mais informações ao leitor. Além disso, a maioria dos áudios foram gravados por pessoas que, de algum, modo têm relações com tais patrimônios.
- **Personalidades Históricas:** O propósito desta área é de explorar o conhecimento acerca das trajetórias de sepeenses que de alguma maneira foram importantes dentro do passado da comunidade. É importante destacar que se procurou diversificar gêneros e etnias dentro desta construção, indo de encontro às escolhas de trajetórias antes feitas por memorialistas que se debruçaram sobre o passado local e tiveram foco apenas sobre homens brancos da elite. Este esforço é de



também demonstrar ao estudante um passado mais plural e que transmita a ideia de que ele e seus antepassados fazem parte da História. É inviável que se crie uma Consciência Histórica sem considerar a localidade, mas isso também ocorre se nessa localidade não diversificarmos olhares e grupos retratados. Foi assim que encontramos nessa aba, além de figuras tradicionais como Diolofau Brum, Coronel Chananeco, Francisco Antônio de Vargas e Afif Jorge Simões Filho, relatos de pessoas como Clara Gazen, Maria Tatsch, Athanzio dos Santos, Tio Lautério, entre outros, que ficaram de fora de obras anteriores.

- **Fotografias históricas:** O aplicativo fornece mais formatos de mídia e acesso. Dentre esses, as imagens são um poderoso instrumento de compreensão do passado. Assim, esta aba destinou-se a demonstrar fontes históricas como fotografias, mapas e ilustrações que pudessem ser utilizadas em espaços como a sala de aula. Além disso, durante processos da pesquisa encontrou-se um significativo número de iconografias. Como na visita ao Arquivo Histórico, através de cartografias, ou nas entrevistas em História Oral, pela qual se conseguia acesso a materiais pertencentes aos entrevistados. Com o diálogo, esse material cedido formou um repositório do autor, que pode ser utilizado para montar um grupo de imagens que ajudem a melhor compreender o passado local.
- **Museu Municipal:** Há, em São Sepé, sediado na Casa da Cultura José Garibaldi Simões um Museu bastante simples o qual reúne peças da História do município, como objetos do dia-a-dia, de trabalho, relíquias religiosas, instrumentos da antiga banda, armas, fotografias, entre outros. O problema enfrentado, no entanto, é que o museu em questão encontra-se bastante desorganizado, carecendo de recursos tanto financeiros, para reformar e comprar materiais de suporte, quanto humanos, ao faltar profissionais da área que disponham de tempo para dar atenção às peças. Não tenho, dentro das minhas possibilidades, nem tempo, muito menos recursos financeiros para transformar tal realidade. No entanto, pensei em um meio do aplicativo e das ações que desempenho servirem ao propósito de qualificar o espaço museal. Logo, nesta área do aplicativo, há explicações de dezenas de peças que estão em exposição ou arquivadas. A proposta é a de dar sentido a elas,



engrandecendo uma visita e minimizando os impactos negativos de uma ida ao espaço sem acompanhamento de um profissional da área.

- **Leitor de QR code:** Este espaço foi um dos mais significativos durante a produção do aplicativo. O interesse foi de que ele servisse como uma ponte entre as pessoas e o app. Entre os patrimônios e as suas devidas explicações. Basicamente, foram produzidos QR codes os quais, quando escaneados dentro da área do app, direcionam diretamente para textos, imagens e áudios do que está sendo visto. Os QRs codes foram, assim, produzidos, com a ideia de estarem dispostos ao lado de patrimônios materiais e monumentos, para que o visitante possa, com facilidade, remeter a sua explicação dentro do ambiente virtual do app. Além disso, como já citei, o museu municipal carece de ações. Assim, foram elaborados dezenas de QR codes, os quais foram disponibilizados à direção da entidade, a fim de que possam estar dispostos ao lado das peças, dando seu devido significado. Vale dizer, que tal tecnologia difere de uma simples busca no google ou de uma produção comum de QR code. O fato de estar dentro do aplicativo foi um desafio técnico, talvez o maior, superado pela equipe que produziu o aplicativo já que demandou também do pesquisador uma melhor compreensão de noções da programação para realização dos posts.

Em termos de conteúdo, as sessões possuem textos curtos, normalmente não passando de 15 linhas, através dos quais se relatam significados do assunto do post. Acompanha também uma fotografia, em caso de fontes mais recentes, ou ilustração em caso daquelas que não temos imagens produzidas através de câmeras. Outro recurso complementar presente em muitas das postagens são áudios⁶ que revelem outros aspectos do assunto. No geral eles têm a duração de um a cinco minutos, não carregando a pretensão de ser uma longa explicação. Se o foco, por exemplo, é Sepé Tiaraju, ali haverá um pequeno texto contando a respeito de sua trajetória como líder guarani, além de uma ilustração fazendo referência a ele e um pequeno áudio de um minuto narrando sua importância.

Quanto ao áudio, ressalta-se que também foi um processo coletivo de produção. Convidamos diversas pessoas para gravar e deixar sua contribuição. Dentre elas,

⁶ Também vemos o áudio como um modo de contemplar também o público com deficiência auditiva, sendo mais um meio de estabelecer conexão com mais sepeenses.



pessoas de mais idade que vivenciaram situações locais, além de professores e intelectuais da cidade. Além disso, também foram chamados historiadores como os professores da UFSM Adriano Comissoli e Luis Augusto Ebling Farinatti. Assim, o material possui muitas vozes, permitindo o estudante ter acesso a diferentes visões e concepções acerca do passado, explorando desde pesquisas atualizadas em história até visões particulares sobre acontecimentos do passado sepeense. O autor também se fez presente em muitos áudios, trazendo explicações e complementos para os textos.

Um ponto que vale ressaltar é de que o aplicativo não é visto como um meio de pleno aprofundamento do estudante ou interessado no passado de São Sepé, mas como uma porta de entrada para esse conhecimento. Inclusive, recomendamos, em alguns dos posts lá presentes, a busca de materiais mais complexos, como o já aqui citado livro “Histórias de São Sepé”, o qual conta com textos e discussões mais extensas de alguns dos assuntos abordados no aplicativo.

Gostaria, com isso, de também afirmar que não me alinho a uma visão da tecnologia como substituta do profissional da educação, mas sim como ferramenta. O aplicativo, bem como outros produtos que foram lançados no contexto do projeto, não são capazes de, por si só, formar ou educar plenamente o estudante ou interessado em História. A figura do professor ou de agentes de educação patrimonial é indispensável enquanto mediador dos conhecimentos. As informações contidas no aplicativo de nada adiantam fora de um todo educacional. Até, por isso, reforcei ao longo do texto a importância de pensar o currículo, de desafiá-lo e buscar estratégias para o ensino de História Local.

As redes de Ensino têm, se querem um aprendizado qualificado em História, perceber tal desafio e engajar-se com seu corpo profissional. Estratégias de formação continuada são essenciais nesse sentido. É louvável, por exemplo, que um município adquira materiais tecnológicos ou ferramentas tal qual um aplicativo. Porém, de pouco adiantará se os profissionais da Educação não forem capacitados para tal uso. Se não verem tais materiais como capazes de auxiliar sua prática.

Defendo que há um grande potencial no que se trata do aplicativo Patrimônios de São Sepé, seja naquela localidade ou ainda servindo de inspiração para outros casos. No entanto, seu impacto depende, além do autor, do engajamento de uma coletividade



que dê sentido para seus usos. Que mais professores de História e de anos iniciais conheçam, sejam incentivados ao uso e possam vê-lo como um auxiliar para suas aulas. Só então poderemos compreender tal ferramenta como plenamente ativa.

Referências Bibliográficas:

BARROS, José D'Assunção. **O lugar da História Local**. Disponível in https://www.researchgate.net/publication/321111136_O_Lugar_da_Historia_Local . 2017. Acesso em: 25 de Jan de 2023.

CAMARGO, Guscavo; MOURA, Livia. **Impacto econômico e social do Android no Brasil**. Disponível in <https://www.bain.com/contentassets/a9200a057a0241b8963c05a9b09e33fe/impactos-do-android-no-brasil.pdf>. 2020. Acesso em: 02 de julho de 2023.

CAVALCANTI, Erinaldo. Disponível in <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393/271>. 2018

COSTA NETO, Tomé Soares da; NASCIMENTO, Francisco Assis de Sousa. **O ensino de História local nas escolas públicas brasileiras: uma análise bibliográfica**. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 6, n. 2, p. 99-117, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/7616> Acesso em: 02 de julho de 2023.

FREIRE, PAULO. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa. Disponível in <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> . 1996. Acesso em: 02 de julho de 2023.

MALERBA, Jurandir. "Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.". In *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 7.15 (2014): 27-50.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA Tomas Tadeu da. **Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução**. In MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA Tomas Tadeu da (org.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo, Cortês, 2002.

NEVES, Joana. História local e construção da identidade social. Saeculum, n. 3, pp. 13 27, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11226/6341> Acesso em: 11 junho. 2020.



PEREIRA, Felipe Rios. **Histórias de São Sepé**. São Sepé: Lupagraf. 2021. 196p.

RÜSEN, Jörn. "Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas." *Curitiba: WA editores* (2012)

SAVIANNI, Demerval. **Escola e Democracia**. Disponível in <https://grupos.moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=28571> . 1999